

“Vítimas da globalização financeira”

ROMA – Após três dias em Roma, o presidente Fernando Henrique Cardoso chega hoje a Florença para participar de um encontro sobre a chamada Terceira Via. A principal reivindicação do presidente serão regras internacionais para garantir o desenvolvimento dos países mais pobres.

“Para quem tem as perspectivas que tenho, de um país em desenvolvimento e que não tem acesso aos mercados, é preciso que haja mecanismos adequados, de prevenção de crise. Somos vítimas desse mecanismo de globalização financeira”, afirmou o presidente.

Participarão do encontro, que vai até amanhã, o presidente ame-

ricano Bill Clinton e os primeiros-ministros da Inglaterra, Tony Blair; da Alemanha, Gerhard Schröder; da França, Lionel Jospin; e da Itália, Massimo D’Alema.

De acordo com Fernando Henrique, os temas do encontro “preocupam os líderes do mundo que estão olhando para o próximo século e que querem, sem dúvida alguma, manter o controle da economia, mas que não basta isso. Querem acabar com a pobreza, com a exclusão e manter um conjunto de políticas sociais. Querem ver como é possível compatibilizar essa necessidade de uma economia sadia com uma população gozando dos benefícios disso”.

A Terceira Via, sobre a qual não há consenso nem entre os participantes do encontro, seria uma opção intermediária entre a social-democracia e o neoliberalismo. “Um governo que seja progressista. Que não se encolhe e nem vai impor suas regras diante do mercado. É um governo que pensa no país, no seu povo”, definiu o presidente.

Fernando Henrique disse que a crise brasileira foi contida graças aos apoios de “da parte dos países desenvolvidos e também da parte do FMI, Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento. Paramos a crise graças a isso”. Mas sua preocupação é com

o futuro. “E se amanhã vem uma crise maior? Se afeta nossos países? Esse é o tema que nós temos que pensar”, disse.

O presidente voltou a defender a cobrança de um imposto sobre o capital especulativo. “Não sei se eles vão discutir esse assunto. Eu já tenho manifestado a minha opinião, que não é de especialista, mas de líder político. Acho que a existência de alguns recursos provenientes de capital de curto prazo e que viessem a ser orientados para desenvolvimento dos países mais pobres e para sustentar as políticas financeiras de países em desenvolvimento, é algo que me parece positivo”, afirmou.